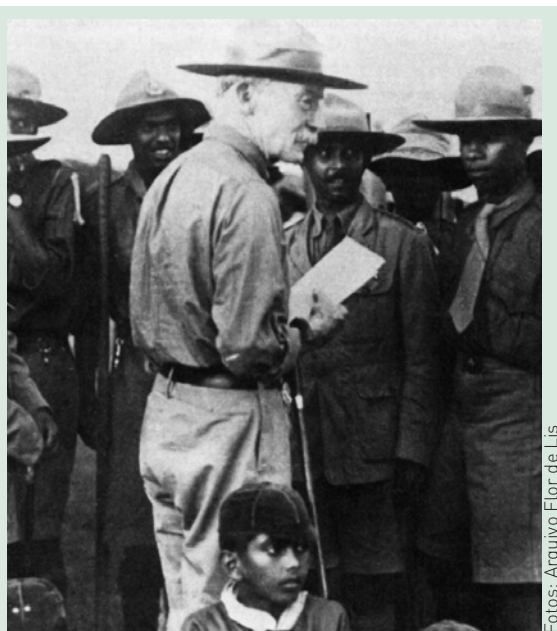




A genialidade de Baden-Powell



Fotos: Arquivo Flor de Lis

Para partilhar convosco esta temática, quero convidar-vos a darmos todos um passeio, qual “bivaque”, por este Manual de Educação Cívica pela Vida ao Ar Livre que é o Escutismo, com a simplicidade de um caminhante.

Como primeiras referências, tentaremos localizar o Movimento Escutista nas Ciências da Educação e o seu enquadramento nas tendências da sua época. Tentaremos responder à questão fulcral: será o Escutismo verdadeiramente um movimento educativo? E terá dado algum contributo para o desenvolvimento da acção pedagógica?

Viajaremos, depois, em companhia do “Homem da Polis”, sem perder de vista a sociedade que nos envolve, e sem deixarmos de ter presente a “Polis” (a nossa sede, a nossa comunidade, os nossos valores e a nossa acção) e projectarmos a nossa visão sobre as diversas dimensões onde o cidadão (pessoa singular, global e complexa) se move.

Finalmente, focaremos as coordenadas dos desafios da afirmação, focalizados por um regresso às origens, revestido pelo enquadramento do século XXI.

Movimento Escutista e a Escola Nova

O princípio deste século foi marcado por problemas sociais que todos nós conhecemos, pois muitos deles são parecidos com os que hoje verificamos na nossa sociedade, de um modo especial na área da juventude, designadamente o desemprego e a incerteza quanto ao futuro, motivados pelo surto de desenvolvimento que a industrialização motivara.

Foi por essa altura que Baden-Powell, recentemente chegado a Inglaterra, teve a ideia de criar uma escola para essa juventude. Convém aqui lembrar que o mundo do trabalho, nessa época, se iniciava bem mais cedo de que hoje, e foi assim que, com o lançamento do livro «**Escutismo para Rapazes**», surgiu esta escola, melhor, este movimento, que todos nós conhecemos e que hoje ultrapassa já os muitos milhões de jovens, sendo certo que em Portugal o Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português tem cerca de 60 mil associados, a Associação dos Escoteiros de Portugal cerca de 6 mil e a Associação Guias de Portugal cerca de 7 mil, tudo num total de 73 mil jovens. É lógico que nos possamos interrogar por que razões o escutismo não tem parado de crescer ao longo dos seus 100 anos de vida.

Foi na procura de uma resposta que me surgiu a presente reflexão e que aqui partilho com todos vós.

Como todos sabemos, desde Rousseau - o *criador do puerocentrismo* - que se desenvolveram várias teorias que visavam a luta contra as insuficiências da pedagogia tradicional. Este movimento minoritário atingiu o seu auge nos finais do XIX e no início do XX; digamos que ele foi contemporâneo do aparecimento da ciência moderna e da escola (primária) obrigatória. Este movimento, não coordenado, culminou com o aparecimento de várias escolas ligadas a intelectuais da época. Surgiu, assim, aquilo que a pedagogia veio a consagrar como a **Escola Nova** - que, na realidade, nunca foi uma escola, mas, sim, um conjunto de experiências, mais ou menos duradouras, que se caracterizavam por métodos originais e diferentes de escola para escola, mas que, todos eles, tinham alguns pontos em comum. A Liga Internacional da Educação Nova, fundada em 1921, em Calais - França, estabelece os nove princípios que regem a Escola Nova. Vejamos, muito sumariamente, cada um deles:



1. O primado da psicologia

A educação nova baseia-se na ciência psicológica (Ferrière diria - *a educação nova não é senão a educação baseada na psicologia da criança*). Na medida em que impõe a si mesma ter uma visão justa da criança, cria uma obrigação de a estudar de todas as maneiras possíveis. No entanto, o que lhe prenderá a atenção em primeiro lugar é o estudante, mais que a criança, e é a criança na sua individualidade, muito mais que o facto social que se origina na reunião das crianças ou dos laços inter-pessoais que se tecem entre crianças. Esta psicologia leva a Escola Nova ao estudo individualista da criança.

2. O respeito pela individualidade

A Escola Nova propõe-se tratar cada um segundo as suas aptidões e os seus interesses. Para resolver este princípio, serviu-se dos numerosos testes que a psicologia tem. "Uma aptidão - escreve Claparède - é o que diferencia, sob a relação do rendimento, o psiquismo dos indivíduos".

Exceptuando os imperativos da instrução base (ler, escrever e contar), para a qual a Escola Nova criou novos métodos, como o método global de leitura, a imprensa na escola ou o método dos ditados mudos de Maria Montessori, não é proposto aos alunos qualquer ideal cultural. Pois, segundo esta escola, não se trata de produzir letrados, mas de *desabrochar a pessoa* segundo as suas possibilidades, talentos e gostos.

3. A escola activa

A Escola Nova, para além de utilizar meios activos, tais como: a investigação, a interpretação de textos, a observação directa, os interrogatórios e as técnicas audio-visuais, também utiliza, para fins educativos, o feixe de energia que emana da criança.

4. O papel do mestre

O papel do mestre nesta escola está bastante modificado, por vezes completamente mudado. Pois ele aparece-nos como um "treinador" e, por vezes, como um "acompanhador", enquanto tradi-

cionalmente era o instrutor, o ensinador. De escola para escola, o mestre tem diferentes funções directivas: na escola montessoriana, por exemplo, é muito directiva, embora indirectamente, enquanto a nova escola francesa é liberal por excelência. No entanto, na Escola Nova, os mestres têm todos por princípio comum considerar a criança não como um vaso que se tem de encher (escola tradicional), mas como uma força com a qual, no mínimo, se deve contar sempre.

5. A pedagogia do interesse

A adesão ao processo de auto-educação induz uma pedagogia baseada no interesse, que exclui toda a ideia de programa imposto. O educador procurará evidenciar as correspondências entre as necessidades do seu aluno e os objectivos capazes de as satisfazerem.

6. A vida na escola

Pretendem, também, os mestres da Escola Nova, levar a escola à vida. A educação não se pode conceber em meio fechado, para se poderem manifestar os interesses. É através da natureza, da vida no mundo, do homem, dos acontecimentos, que a criança terá a possibilidade de avaliar a diferença existente entre o que ela é e aquilo para que tende. Sendo a finalidade última da Escola Nova a inserção na sociedade, terá, pois, que começar por influenciar na vida das pessoas, pois são elas que formam a sociedade. É necessário, para se realizar tal fim, dar às crianças, tão cedo quanto possível, o hábito e o gosto da vida comunitária.

7. A actividade manual

Para além de ser activa, a Escola Nova pretende, também, a união da actividade manual com o trabalho do espírito. Pois o facto de se incorporar, às técnicas pedagógicas, os trabalhos manuais, não seria suficiente para explicar a exacta situação manual do novo contexto. Para que esta explicação seja correcta, o "homo faber" tem que preceder o "homo sapiens", isto é, a inteligência terá que subir da mão ao cérebro. Jean



Piaget e os seus discípulos irão demonstrar, bem mais tarde, que a manipulação do concreto é, na criança, consubstancial ao desenvolvimento da sua inteligência - "a inteligência prática é um dos dados essenciais em que se baseia a educação activa" (Piaget, in *Psychologie et Pédagogie*, 1969).

8. O espírito criador

A Escola Nova pretende, ainda, desenvolver as faculdades criadoras das crianças, criando, assim, uma noção verdadeiramente original em pedagogia. Esta escola vai introduzir, sob o rótulo das actividades livres, toda uma série de trabalhos destinados a desenvolver, na criança, a imaginação, o espírito de iniciativa e, numa certa medida, a audácia criativa. Já não se trata somente, para a criança, de assimilar o real conhecido, mas de se iniciar no processo pelo qual o real é reconhecido e de avançar já pelos



caminhos da procura. "Educar é conduzir a criança para o estado adulto, tendo em conta o facto de que será adulta amanhã e não ontem, num mundo tradicional" - Paul Osterrieth, in *L'Ecole Active*. Os autores do Centro de Prospectiva de Paris afirmavam "a educação não consiste somente em ensinar o que os outros fizeram, mas deve ensinar a fazer o que os outros ainda não fizeram".

9. A auto-disciplina

Finalmente, a Escola Nova substituiu a disciplina exterior pela auto-regulação do grupo e do indivíduo - a disciplina interior e livremente consentida. Ferrière (*L'Ecole Active*) fundamenta este aspecto em três razões:

1ª - formar cidadãos para se obterem dirigentes competentes;

2ª - desenvolver na criança o sentido da justiça pelo exercício da actividade judiciária;

3ª - só num mundo livre a criança se revela tal como é, com o seu carácter e as suas aptidões.

Assim, as crianças aprendem o valor do auto-governo; neste facto, a Escola Nova pretende dar ao seu ensino uma clara orientação democrática.

Depois desta breve caracterização da Escola Nova, é fácil rever, nestes nove princípios, uma grande par-

te da pedagogia escutista. Mas, Baden-Powell conseguiu, com uma particular perspicácia, fazer o que os pedagogos do seu tempo não conseguiram, isto é, juntar todas estas características numa só escola. Diria mesmo que, a estas, ele ainda acrescentou outras que são inovadoras e que vão, também elas, marcar o seu Movimento: a não directividade (defendida mais tarde por Carl Rogers) e o trabalho de Grupo (que só as mais recentes pedagogias adoptaram) a que ele chamou o Sistema de Patrulhas, e o Jogo como estratégia fundamental da aprendizagem.

Como bem sabemos, e só para melhor nos situarmos, o Escutismo está alicerçado em quatro princípios de base que constituem as suas leis e crenças fundamentais:

- O princípio pessoal - a relação consigo próprio;
- O princípio social - a relação com os outros;
- O princípio ambiental - a relação com a Natureza;
- O princípio espiritual - a relação com Deus.
- (Poder-se-á começar a pensar no princípio tecnológico - a relação com a tecnologia)

e o Método Escutista pode ser definido como sendo um sistema de auto-educação progressiva fundamentada sobre:

- Uma Promessa e uma Lei;
- Uma educação pela acção;
- Uma vida em pequenos grupos;
- Programas progressivos e atraentes;
- Uma gestão participada.

Finalmente, lembrar que a metodologia escutista se desenvolve num ambiente lúdico, participativo e de vida ao ar livre em contacto com a Natureza.

No seu discurso de encerramento da 9ª Conferência Internacional do Escutismo, realizada em Haia, em Agosto de 1937, Baden-Powell definiu assim a finalidade do seu Movimento: «o nosso objectivo último é criar homens viris para os nossos respectivos países, fortes de corpo, de mente e de espírito; homens em quem se possa confiar; homens que saibam enfrentar trabalho duro e também tempos difíceis; homens que saibam decidir por si próprios, sem se deixarem levar pela sugestão das massas; homens que saibam sacrificar muito do que é pessoal em prol do interesse mais vasto da nação. O seu patriotismo não deve ser estreito e mesquinho; pelo contrário, com a sua visão mais ampla, eles deverão ser capazes de ver com compreensão e simpatia as ambições dos patriotas dos outros países.»

Se tivermos presente estes elementos, de entre outros, também eles, definidores da Pedagogia Escutista, facilmente compreendemos que o Escutismo tem os seus alicerces pedagógicos fundamentados na pedagogia da Escola Nova, tendo sido ele próprio responsável por alguma inovação no campo educacional que as mais recentes teorias das ciências da educação assimilaram e divulgaram.